

**Entrevista concedida a Ir. Maria Neusa dos Santos, Jornalista e Assessora de Comunicação da CRB Nacional, para o documentário dos 70 anos da CRB Nacional. O Padre João Edênio dos Reis Valle foi entrevistado no dia 19 de outubro de 2023, como ex-presidente da CRB. A entrevista abordou quatro perspectivas: memória, mística, profecia e esperança. O encontro ocorreu em São Paulo, na Casa dos Padres Verbitas, apenas nove dias antes do falecimento do entrevistado.**

**Ir. Maria Neusa: Iniciando a gravação com o Padre Edênio Valle, ex-presidente da Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil, no mandato de 1989 a 1992.**

**Padre Edênio, quais são as lembranças dessa época durante o triênio?**

Padre Edênio Valle: Em primeiro lugar, quero expressar minha gratidão à Vida Religiosa no Brasil, especialmente àqueles que atualmente lideram, orientam e dão direção à caminhada dos religiosos e religiosas do Brasil que adentram uma fase definitivamente pós-moderna. É uma alegria estar com todos vocês, e agradeço sinceramente. Gostaria de começar destacando três pontos importantes. Durante meus estudos de Teologia na Alemanha, aprendi que alguns teólogos da Idade Média afirmavam que toda boa teologia, todo olhar teológico perspicaz sobre a realidade, uma época ou um problema, exige que o teólogo tenha dois olhos, um voltado para frente e outro para trás (*unum in ante, alterum in retro*). Ao celebrarmos o septuagésimo aniversário da CRB, agradeço pela sensibilidade dos organizadores deste encontro festivo, e instigo todos a adotar esse olhar retrospectivo e prospectivo.

Agora, compartilho duas reflexões. A primeira é de Dom Helder Câmara, que afirmou: "É preciso mudar muito para ser sempre o mesmo". O sínodo que o Papa Francisco, neste momento, está coordenando aceita essa abordagem de Dom Helder para compreender a vida da Igreja e a vida dos Consagrados. Cito também Jeremias, capítulo 31-17: "Há esperança para o seu futuro; há setas indicando o teu caminho".

Fui convidado a falar sobre os dois triênios nos quais presidi, e há outros dois, em que fui vice-presidente, além de ser membro da equipe de teologia. Durante esse período, aprendi a ouvir e testemunhei muitos acontecimentos. Transmito isso como um sinal de esperança para os próximos anos e décadas. Muito obrigado!

Vou abordar esta pergunta com base nas vivências, aprendizados e ensinamentos que acumulei ao longo da minha vida, agora que estou prestes a completar 90 anos. O cerne da Vida Religiosa está em ser evangelizador nas perspectivas dos pobres com novo ardor, novos métodos e nova expressão, e isso remonta às palavras de João Paulo II. Contudo, ao considerarmos as diversidades dos carismas congregacionais, é fundamental destacar nossa contribuição.

Minha experiência na congregação começa com o que observei na CRB, após percorrer o Brasil durante oito anos, em dois mandatos como presidente e outros dois como vice. A fala impactante do Papa é relevante, mas a realidade se mostrou mais desafiadora. Após os eventos de Medellín e Puebla, identifico três fases na trajetória da CRB. A primeira fase é a que foi dirigida pelo Padre Marcello Azevedo. Esta emerge para organizar aspectos dispersos no projeto da CRB. Nesse período, a aplicação do Conselho Econômico do Vaticano II, a realidade da América Latina e da Vida Religiosa são priorizadas. A equipe de teologia, composta por renomados membros, esforça-se para posicionar a América Latina, a vida da Igreja Latino-Americana e a evangelização dos pobres como elementos centrais, dialogando intensamente sobre as implicações de Medellín.

A segunda fase de trabalho concentra-se nas pessoas, pois surgem dúvidas sobre a continuidade na Vida Religiosa. Durante esse período, inicia-se minha colaboração com a CRB. Neste momento, o desafio torna-se pessoal, e é a partir daí que surge a equipe de psicologia. Inicialmente, tínhamos a equipe de teologia, mas, diante da natureza individual do problema da VRC do Brasil, a equipe de psicologia passa a desempenhar um papel crucial. Ao revisar revistas e pesquisas dos últimos 30 anos, notamos a presença do tema psicológico, refletido em alguns livros e pesquisas iniciais.

Após essa fase, emerge uma terceira etapa, que denominaria como impregnada de profetismo. Surge uma nova visão do carisma congregacional, focada na imersão na realidade latino-americana. Nesse contexto, a opção pelos pobres torna-se um gesto profético, envolvendo milhares de religiosos que, de forma consciente, se unem aos pobres e marginalizados de nossa sociedade. Essa luz que se compartilha com os menos favorecidos marca o início de reflexões bíblicas, apesar das dificuldades, proibições e advertências enfrentadas por considerarem nossa abordagem arriscada para o carisma institucional.

A segunda fase direciona a atenção para questões individuais, especialmente sobre a continuidade na Vida Religiosa. Nesse período, meu trabalho com a CRB ganha destaque, envolvendo discussões sobre problemáticas sociopolíticas e econômicas, evidenciadas nas revistas e encontros regionais.

A mudança para uma abordagem mais inserida na realidade do povo, abandonando estruturas tradicionais, ocorre com o esvaziamento de conventos e seminários. Essa fase é desafiadora. Assumi o encargo da formação dos filósofos e teólogos, na minha congregação, que resulta em uma transição para um seminário inserido na realidade popular, composto por pequenas comunidades. Enfrentamos resistências internas, mas a decisão capitular prevaleceu.

Gostaria de destacar três nomes nesse percurso histórico: o fundador da CRB, Abade Benedetti, de São Paulo; o Padre Marcelo Azevedo, que solucionou um problema financeiro grave, e o terceiro período, caracterizado por criatividade e opção pelos pobres. Durante meu período, o grupo de psicologia publica livros críticos à instituição, apontando para a necessidade de passos mais ousados e uma Igreja em saída.

A leitura orante da Bíblia tornou-se um problema sério, documentado na revista *Convergência*, onde Frei Carlos e eu elaboramos um texto explicativo sobre os bastidores dessa questão. Hoje, com o entendimento mais amplo dos pontificados de Paulo VI, percebemos uma abertura gradual à compreensão da opção pelos pobres, inserção nos meios populares e crítica à instituição.

Compreendo que a Vida Religiosa progrediu, mas, ao olharmos para trás, devemos reconhecer erros e acertos. Atualmente, estamos em um caminho sinodal, buscando uma Igreja mais unida, independente de congregações antigas ou novas. Este é um resumo geral, e destaco a importância de revisitar livros, como o da CRB aos 50 anos, que reúne contribuições valiosas de pensadores e teólogos sobre a evolução da Vida Religiosa.

Padre Edênio Valle: Então uma pequena pergunta

Uma breve reflexão que surge nesse momento diz respeito à mística dessa Vida Religiosa ao longo dos 70 anos da CRB, que testemunhou diversas transformações. Não apenas o impacto do Concílio Vaticano II, que resultou no esvaziamento da Vida Religiosa feminina e no surgimento de novas formas, mas também a busca por uma mística alinhada aos movimentos pentecostais católicos e carismáticos.

Nessa fase, destaco a contribuição de Dom Luciano Mendes de Almeida, um pensador teólogo e fundamentado na tradição jesuíta. Como secretário da CNBB, sua visão consolidou-se, promovendo uma mística que começa pela

leitura sistemática e orante da Bíblia. Publicamos seis livros em seis anos, seguidos por um sétimo, que resume desde a história de Adão e Eva até a dimensão escatológica da Igreja e da Vida Religiosa.

Essa mística é singular, por ser construída a partir das realidades dos mais pobres, uma tentativa de inserção, aprendizado, convivência e trabalho com eles. Durante essa fase, descobrimos que o aporte europeu, após a Proclamação da República, voltou-se mais para a classe média do que para os ex-escravizados recentemente libertados pela Princesa Isabel.

A espiritualidade, até então, ocupava um papel fundamental, e surge o termo "mistagogia", envolvendo a entrada no mistério da própria vida, realidade e cosmos da história. A espiritualidade é crucial, e, no nosso caso, a abordagem bíblica, apesar de ter sido proibida pelo Vaticano, foi central. A CLAR (Confederação Latino-Americana de Religiosos), que iniciou o projeto bíblico, foi proibida, mas não afetou a CRB, que, com o apoio da CNBB, continuou seu trabalho. Aproximadamente 30% dos religiosos assumiram a sério a leitura orante da Bíblia, enquanto outros adotaram uma abordagem mais festiva e genérica.

A espiritualidade, especialmente no contexto atual, destaca-se como vital, exigindo uma profunda conexão com o presente, à luz do passado, para construir um futuro significativo. É central na Vida Religiosa, uma jornada espiritual que envolve um encontro com o mistério da salvação, personificado em Cristo Ressuscitado.

### **Ir. Maria Neusa: Padre Edênio Valle, quais os sinais proféticos que surgiram na Vida Religiosa a partir do Concílio Vaticano II?**

Padre Edênio Valle: Este ponto é crucial, pois, antes desse período, a Vida Religiosa encontrava-se distante do mundo, em certa medida acomodada e, em certos aspectos, inerte, incapaz de encarar as tentações da vida real e sem sinal de esperança para este mundo pecador, como a própria Igreja reconhece, sendo composta por santos e pecadores. Aceitar essa realidade e buscar uma conversão, com caráter profético, foi o objetivo de uma assembleia que conduzi quando era vice-presidente da CRB. Nessa ocasião, discutimos e elaboramos um livro sobre o carisma profético da Vida Religiosa, fundamentado na Bíblia e em uma concepção moderna de profetismo.

A espiritualidade, ao lado da persistente ambição e do pecado inerentes à natureza humana, desempenhou um papel integral nesse processo. Um exemplo dessa abordagem é a definição do perfil de nossa congregação, após 20 anos de reflexão sobre o carisma missionário do Verbo Divino.



Estabelecemos um quádruplo diálogo profético com o mundo, buscando testemunhar o Evangelho.

Nesse contexto, destaco minha experiência de 42 anos trabalhando diretamente com a CRB. No primeiro sinal profético, buscamos testemunhar o Evangelho, dialogando a partir dos valores de Jesus com aqueles que estão distantes da fé. Minha atuação na universidade, na capelania e na paróquia universitária revelou o desafio de lidar com uma maioria de alunos declaradamente sem religião, um campo profético que exige anúncio do Evangelho em meio à fragilidade da Igreja.

O Papa Francisco, com suas iniciativas voltadas para a juventude e a família, ressalta a importância de trabalhar em lugares que afetam emocional, psicológica e comportamentalmente os indivíduos. O diálogo com jovens cujas mentes e corações são impactados pela cultura de massa e pelas éticas (ou falta de ética) das novelas televisivas representa um desafio profético que não pode ser ignorado.

Outro campo de atuação profética envolve aqueles que não conhecem o Evangelho, destacando-se a crescente parcela da população brasileira sem religião. O diálogo com essas pessoas, bem como com igrejas que possuem práticas não totalmente alinhadas com o Evangelho, assume uma relevância crucial. O ecumenismo latino-americano, englobando religiões de raiz africana, indígenas e da América Central, é uma peça-chave nesse processo de aprendizado para a Igreja.

O terceiro grupo diz respeito a problemas sociais e culturais, exigindo diálogo e inculturação com diferentes culturas. Minha congregação promove um diálogo profético que se estende por 87 países, considerando a globalização da cultura e economia. Esse aspecto profético visa a busca pela verdade junto com o outro, seguindo o exemplo de Jesus, que morreu por causa da verdade na cruz.

Em síntese, a profecia na Vida Religiosa é, fundamentalmente, vivida através do diálogo, testemunho do Evangelho e enfrentamento das realidades contemporâneas, permitindo que Deus fale e aja por meio de nós. Essa abordagem, centrada no carisma do consagrado, não apenas imita o caminho de Jesus, mas caminha com Ele, seguindo Sua palavra. Isso é a essência da profecia e é fundamental.

Padre Edênio Valle: Olha, sobre a terceira pergunta, acerca dos desafios e esperanças, tenho um artigo disponível no 54º aniversário da fundação da CRB, dividido em 12 partes. Esse material originou-se de um livrinho escrito pela comissão de teologia, abordando oito questões fundamentais para a época. Durante o primeiro mandato de uma mulher na presidência da CRB, decidimos tomar essas questões como objetivos.

Resumir rapidamente é desafiador, devido à quantidade de artigos de experiência. No entanto, percebo que a Vida Religiosa, hoje, é diferente. Com 67 anos de Vida Religiosa, testemunhei vários períodos e desafios. Vi congregações se dividindo ao meio. As propostas do Papa Francisco, embora machuquem em partes, não guardo mágoas. Pelo contrário, agradeço pela graça de Deus, pois sem esperança não há cristianismo. No Vaticano II, um bispo auxiliar da Holanda disse que a índole da Igreja é ex-patológica, olhando para frente. É preciso ter um olho para frente e dois para trás, marcando a esperança como caminho essencial do Reino de Deus.

### **Ir. Maria Neusa: O que foi a CRB para o senhor?**

Padre Edênio Valle: Sobre a CRB Nacional, sendo franco, penso que, se tivesse perdido o contato com a Igreja, teria sido uma perda significativa. Mantive diálogo com a CNBB e a CRB desde o primeiro dia. Retornei ao Brasil após oito anos no exterior, para celebrar minha primeira missa com a visão europeia do Vaticano II. Na CRB, aprendi a viver a tensão escatológica no coração da Igreja. Vivo os problemas sem medo, caminhando na força da luz da palavra de Deus e no seguimento de Jesus.

Aos 77 anos, olho para minha vida e vejo que vivi com propósito, seja nas igrejas, nas universidades católicas, nos institutos de teologia ou no centro de terapia em São Paulo, onde participo há quase 25 anos. Agradeço à CRB e à minha congregação, não esperando apenas coisas tranquilas, mas reconhecendo que o Reino de Deus exige a coragem da fé. Essa é a minha resposta.

[...] Acredito que a Vida Consagrada no Brasil está de parabéns hoje, pois aprendeu muito após Medellín, o Conselho Ecumênico e o Concílio Vaticano II. Essa aprendizagem foi árdua, desafiadora, mas hoje, como Vida Religiosa, temos uma compreensão mais cristã do seguimento de Jesus. Considero que essa aprendizagem, durante o tempo em que trabalhei na CRB, foi realizada e teve continuidade nos mandatos subsequentes. Aqui entra um grupo significativo que me apoiou, encontrando boa vontade e uma busca pela verdade. Aprendemos a viver nas vicissitudes, nos 40 anos de deserto, e é por isso que agradecemos e estamos contentes. Em um artigo, detalhei minha argumentação ao comemorarmos os 50 anos da CRB, mencionando que, hoje, a Vida Religiosa começa a ter um rosto feminino. Mulheres profetas emergiram, assumindo novas pautas na continuidade da jornada que meu grupo anterior iniciou. A terceira

razão é que agora estamos mais conscientes de que não podemos servir e ter como parâmetro a vida moderna, a crise da modernidade e a pós-modernidade, que são amplamente estudadas e presentes em nossas revistas, como *Convergência* e *Rap*, entre outras. Portanto, acredito que ela é diferente daquela na qual entrei há 64 anos, quando me tornei noviço, aos 17 anos. Essa é a minha resposta, pois começamos a enxergar, a partir dos pobres, o que é o Reino de Deus.

